

# HETEROGENEIDADE GENÉTICA DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1<sup>a</sup> edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

TEIXEIRA; Carolina Martinez <sup>1</sup>, MODOLON; Ana Letícia Formentin <sup>2</sup>, MAIER; Tainá <sup>3</sup>, ARDAIS; Ana Paula Ardais <sup>4</sup>

## RESUMO

O transtorno afetivo bipolar (TAB), elencado como um transtorno de humor, possui prevalência de 0,5-2% na população mundial, com alto grau de hereditariedade familiar (90%) e de associação com outras patologias psiquiátricas. A explicação para essas características deve-se à heterogeneidade genética, ou seja, a mesma etiologia, nesse caso, o TAB, é resultado de alterações genéticas distintas. O propósito do artigo foi identificar polimorfismos genéticos existentes em pessoas com o transtorno afetivo bipolar. A revisão foi baseada na literatura científica de 2004 a 2020, publicada nas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde. Os descriptores para a revisão bibliográfica foram Transtornos de Humor, Bipolaridade, Heterogeneidade e Genética. Foram elegidos os artigos que evidenciaram exemplificações genéticas associadas ao surgimento do TAB, e excluídos os textos os quais não demonstraram relação patogenética. Foram encontrados 102 títulos. Destes, 30 foram selecionados, 18 resumos lidos e elegeram-se 12 trabalhos para este estudo. Dentre os artigos selecionados, foram encontradas teorias de que existem diferentes polimorfismos genéticos associados ao mesmo fenótipo de bipolaridade, presentes, principalmente, nas regiões cromossômicas 4p16, 12q23-q24, 21q22 e 22q12-q13. Como implicação disso, alguns polimorfismos nessas localizações são responsáveis pelo componente hereditário do Transtorno Afetivo Bipolar, ganhando destaque no curso da doença, pois a história familiar é o principal fator de risco do TAB. Visto isso, um indivíduo com familiar de primeiro grau portador de bipolaridade possui 7 vezes mais chance de adquiri-la. Encontrou-se, também, polimorfismos no gene CACNA1C, os quais existem simultaneamente nos pacientes com TAB e com esquizofrenia, atuando nas mesmas vias neuronais e sinápticas, o que poderia explicar o fenômeno da co-morbidade, ou seja, a presença de outras patologias psiquiátricas nos pacientes com o transtorno bipolar. Ademais, o início precoce ou tardio do transtorno bipolar também pode estar correlacionada com genes específicos, tendo em vista que, um dos principais responsáveis pela precipitação da doença em idades mais jovens, é o polimorfismo rs40184 no gene transportador de dopamina (SLC6A3). Em conclusão, a heterogeneidade genética presente no Transtorno Afetivo Bipolar pode ser responsável pela grande carga genética familiar, pela existência de outras psicopatologias comórbidas e até pela determinação do curso cronológico da doença bipolar. Por isso, o conhecimento das alterações genéticas associado ao TAB possibilita um diagnóstico melhor e mais precoce, um tratamento otimizado e, em alguns casos, até a prevenção.

**PALAVRAS-CHAVE:** GENÉTICA, HETEROGENEIDADE, TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pelotas , carolina.18junho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Católica de Pelotas , analeticiamodolon@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Católica de Pelotas , tai.maier@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade Católica de Pelotas , ana.ardaais@ucpel.edu.br